



EU, MEU FILHO E A MICROCEFALIA: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS ACERCA DO ABANDONO PATERNO

Karolayne Karlla Freires da Silva¹, Betânia Maria Oliveira de Amorim²

RESUMO

Em 2015, houve um surto de microcefalia decorrente do Zika vírus no Brasil, trazendo consigo não apenas uma nova problemática de saúde pública, mas também velhas problemáticas no campo social, entre elas o aumento dos casos de abandono paterno. Dessa maneira, objetiva-se com o presente estudo analisar as Representações Sociais (RS) de mulheres-mães acerca do abandono paterno no contexto da microcefalia e sua relação com a divisão sexual do trabalho. Para tanto, recorreu-se à metodologia da pesquisa-ação, a partir do levantamento de dados sociodemográficos, entrevistas semi-estruturadas e o desenvolvimento da metodologia ativa e dialógica “Tenda do Conto”. Participaram da pesquisa 10 mulheres-mães, com média de idade de 29,9 anos, sendo a maioria autodenominada parda. Todas relataram conviver com os homens-pais dos seus filhos(as) e dependerem financeiramente do Benefício de Prestação Continuada do Instituto Nacional do Seguro Social. Percebeu-se ao longo dos relatos que a figura do homem-pai está voltada tão somente para o campo da provisão financeira, reforçando a divisão sexual do trabalho tradicional, que atribui a esfera do cuidado dos filhos apenas a figura da mulher. Esta divisão é representada e compreendida pelas mulheres-mães como insuficiente, demandando uma participação igualitária nos cuidados com as crianças, em especial no cenário da microcefalia, o qual requer um maior empenho na rotina de cuidados em saúde. Portanto, ressalta-se que o abandono paterno na prática compreende a esfera afetiva do cuidado, contudo encontra-se naturalizado pela socialização normativa de determinados papéis cabíveis ao homem e a mulher na vida pública e privada.

Palavras-chave: Microcefalia; Divisão Sexual do Trabalho; Abandono Paterno.

¹Aluna do curso de Psicologia, Unidade Acadêmica de Psicologia, CCBS, e-mail: karoll.karlla@hotmail.com.

² Doutora, Docente, Unidade Acadêmica de Psicologia, UFCG, Campina Grande, PB, PB, e-mail: betania_maria@yahoo.com.br



***ME, MY CHILD AND MICROCEPHALY: SOCIAL REPRESENTATIONS ABOUT
PATERNAL ABANDONMENT***

ABSTRACT

In 2015, there was an outbreak of microcephaly due to the Zika virus in Brazil, bringing with it not only a new public health problem, but also old problems in the social field, including the increase in cases of paternal abandonment. Thus, the aim of this study is to analyze the Social Representations (RS) of women-mothers about paternal abandonment in the context of microcephaly and its relationship with the sexual division of labor. For this, the action research methodology was used, based on the survey of sociodemographic data, semi-structured interviews and the development of the active and dialogical methodology "Tenda do Conto". Ten women-mothers participated in the research, with an average age of 29.9 years, the majority being self-styled mixed race. All of them reported living with the men-parents of their children and being financially dependent on the Continuing Benefit Benefit of the National Social Security Institute. It was noticed throughout the reports that the figure of the man-father is focused only on the field of financial provision, reinforcing the sexual division of traditional work, which attributes the sphere of child care to only the figure of the woman. This division is represented and understood by women-mothers as insufficient, demanding an equal participation in the care of children, especially in the scenario of microcephaly, which requires a greater commitment to the routine of health care. Therefore, it is emphasized that parental abandonment in practice comprises the affective sphere of care, however it is naturalized by the normative socialization of certain roles applicable to men and women in public and private life.

Keywords: Microcephaly, Sexual Division of Labor, Paternal Abandonment.